



Os Koranás

Ha, na extremidade meridional da Africa, uma raça isolada, completamente distincta dos outros povos do continente africano, pela sua lingua e pela sua constituição physica. Esta raça, que a si mesma se denomina *Anaquona*, ou *Koukoua*, e que dos europeus recebeu o nome de Hottentotes, divide-se em quatro tribus principaes: os *Kouakouas* do Cabo; os Koranás, que a nossa gravura representa; os Namas, e os Boschimans.

A sua tez azeitonada, a sua fronte deprimida, a fórma do semblante que tornam quasi quadradas as maçãs do rosto, largas em geral e extremamente salientes; o seu nariz achatado entre dois olhos pequenissimos; emfim, a exiguidade da sua estatura, fazem dos Hottentotes uma raça feiissima. As feições do rosto da maior parte dos individuos, principalmente dos mais velhos, são repugnantes, e approximam-se do macaco, por causa da grande saliencia da bôca. Só os Koranás differem dos outros por uma estatura mais elevada e pelo vigor do seu corpo, olhos vivos, rosto mais bem conformado, e tambem por mais intelligencia. A sua lingua, a que faltam quasi todos os elementos de formação ou inflexão, possui uma infinidade de sons gutturaes fortemente aspirados, saindo da cavidade peitoral rapidamente e com voz rouca.

Os Hottentotes verdadeiros só se encontram no

paiz chamado Orange-River-Sovereignty, a parte mais septentrional d'estes paizes, que só foi recentemente incorporada á colonia do Cabo. Com effeito, os que se chamam Hottentotes coloniaes, quer dizer, os que habitam para áquem dos limites da antiga colonia ingleza do Cabo, que o governador Burk assimilou legalmente aos brancos por um acto publico em 1828, misturaram-se com europeus, cafres, e, talvez, tambem com outros emigrados, e pretos; por isso a sua lingua compõe-se de palavras hottentotes, hollandezas, e cafres. Ainda que porcos e muito dados á bebedeira, e como em geral são pobres diabos, ordinariamente probos e serviçaes, os cultivadores do Cabo tomam-nos a seu serviço como pastores ou carreiros. O seu numero sobe a perto de 5000.

Das relações dos europeus com as mulheres dos hottentotes proveio uma raça particular, chamada de Bastardos, que vence os hottentotes propriamente ditos, debaixo do ponto de vista do desenvolvimento physico, e que mostra muita disposição pelas artes da vida civilisada. Formam uma população especial, que, com o tempo, chegou a completar a somma de perto de vinte mil cabeças, cujos membros tinham ido, no decurso do seculo passado, estabelecer-se ao norte, onde vivem uma vida nomada nas regiões situadas entre New-Gripp

e Kay-Gary, ou que constituíram pequenos estados com alguns pontos centraes, como Philippopolis e que praticam a agricultura.

O CHOLERA

III

O cholera appareceu pela primeira vez na Europa em 1831. E' elle originario da India, onde é endemico.

Como se gera lá?

Não se sabe. Vê-se que pela eterna lei da harmonia, n'aquellas paragens não se podia gerar uma doença menos lethal!

Tudo debaixo d'aquelle sol é grandioso.

Nos deltas do Ganges e do Indus, de um dia para o outro, formam-se ilhas, cobrem-se de pasmosa vegetação, innumerous animaes as povoam, e, tudo desapparece, para dar lugar a outras scenas iguaes de vida e de morte, passageiras, mas admiraveis.

Em vez de infusorios, fermentam n'aquellas aguas, reptis e mammiferos, (1) cactos e palmeiras. Que admira que da infecção d'aquella atmosphera saia o cholera? Mais custa a perceber o como elle, gerado e alimentado n'aquelles lugares, os deixa para vir de vez em quando fazer uma viagem pelo mundo inteiro, viagem demorada, caprichosa, não se podendo atalhar nem prever, viagem tão assombrosa como o proprio viajante, como a região d'onde partio.

Houve quem suppozesse, no principio d'esta ultima, ou antes, infelizmente, da actual epidemia, que o cholera se tinha gerado fóra da India, em Meca, e que d'ahi se estendêra a toda a Europa.

Não é exacto.

O Egypto foi o intermedio que dispartio a epidemia com terrivel rapidez.

Percebe-se bem o como.

Os musulmanos, que vem annualmente a Meca, reúnem-se primeiro em duas grandes columnas: uma, que reúne todas as tribus do Mogreb; isto é, de Marrocos, Alger, Tunis, de todo o Sahara, comprehendendo a Nubia; esta reúne-se no Cairo; a outra parte de Stambul, pára em Damasco, onde se lhe aggregam todas as columnas vindas da Asia.

Foi n'estas ultimas columnas, pelos musulmanos vindos da India, que o cholera se transportou a Meca.

A reunião de tantos milhares de individuos, aspirando ao titulo de *Hadji* com as praticas religiosas as mais anti-hygienicas explicam o incremento que elle ali teve; a dispersão d'esses individuos semeando cadaveres cholericos por todo o caminho, levando consigo grande parte d'esses cadaveres, dão conta da sua irradiação.

Vinha a ponto dizer alguma cousa do modo porque se suppõe que o cholera caminha; parece-nos, porém, que pouco proprio é de um jornal litterario o entrar na interminavel questão de infecção e

contagio, interminavel porque vae-se transformando em questão de palavras; e por isso muito em resumo direi o que parece ter sido demonstrado n'esta epidemia a tal respeito: para poucos entra hoje em duvida o contagio do cholera: o que, porém, parece certo, é que elle se não transmite corpo a corpo, nem mesmo por inoculação, mas, sim, por intermedio de uma certa porção de ar e a isto se apegam os infeccionistas para sustentarem a sua opinião. Ou admittam a infecção, ou o contagio, ou ambos combinando-se e ajudando-se, o que é um facto é que na presente epidemia o cholera foi sendo o rasto dos crentes que deixaram Meca.

O que é um facto bem averiguado é que elle em todas as epidemias tem marchado com os exercitos, com os peregrinos, com as caravanas; que a rapidez da sua marcha está em relação com a rapidez das communicações, que é ao maior desenvolvimento d'essa rapidez que se deve o elle agora ter caminhado mais depressa que na precedente epidemia. (1)

Na marcha do cholera é muito para se notar a immuniidade, já não digo de individuos, que essa foge a todos os calculos e previsão, mas de localidades. Assim que, a Suissa tem sido até hoje refractaria ao cholera.

Tem querido a sciencia achar a causa d'essa particularidade, mas até hoje debalde.

Querem uns que seja devida á altitude; mas lá temos pontos mais elevados e flagellados pelo cholera. Nepaul, as chapadas da Tartaria estão n'este caso. Que também o não é á temperatura, prova-o o elle desenvolver-se em localidades muito mais frias. Outros querem que seja isso devido á difficuldade de communicações pelo montanhoso do paiz; não colhe pelo mesmo motivo porque não colhem as razões precedentes.

Ha quem queira achar a explicação d'aquelle phenomeno na natureza do solo. Vale a pena, parece-me, que nos demoremos um pouco mais n'este ponto.

Pensam alguns que o estudo das revoluções phisicas do globo hade chegar um dia a fazer-nos perceber bem o passado e a prever até certo ponto o futuro das epidemias.

Que ha doenças filhas de circumstancias locaes, e por isso mesmo estacionarias, não padece duvida: para exemplo bem notavel temos o bocio. Por que nasce o cholera nos deltas do Ganges, a peste nos do Nilo e a febre amarella nos do Mississipi? Circumstancias climatericas, ainda não apreciaveis, darão um dia a explicação da geographia das doenças. Com referencia, porém, ao cholera, de que estamos tratando, é opinião de Pettenkofer que a porosidade do solo, a sua permeabilidade ao ar e á agua, a presença d'aguas subterraneas a pequena profundidade, são as circumstancias mais favoraveis á propagação d'elle.

Ora é o opposto de tudo isto que se dá na Suissa e também na Baviera, nos pontos até hoje não

(1) Entre estes deve contar-se mais de tres milhões de cadaveres humanos annualmente: os indios deitam os seus mortos no Ganges.

(1) Antigamente a peregrinação a Meca era feita a pé, parece que a lei de Mahomet assim o ordena; hoje, como sabem, faz-se em barcos de vapor.

tacados pelo cholera, e d'aqui a sua immuni-
dade. Verdadeira, ou não, esta explicação, o que é um
facto é a immuni-
dade de certos paizes, e, no mes-
mo paiz, de certas localidades: na actual epidemia
o cholera passando de Marselha a Pariz, deixou
incolume Lyão, e já nas precedentes epidemias o
mesmo tinha succedido; apenas em 1854 houve
alguns casos, mas poucos, de cholera em Lyão.
Milhares de casos analogos se podem apontar; até
na mesma cidade na força da epidemia se tem
notado pontos refractarios a ella.

D'um estudo completo da marcha de tão terri-
vel epidemia é claro quaes as vantagens que de-
rivam: muito embora se não possa combater, im-
pedir-lhe a marcha será já um grande bem.

Vinha a ponto o tratar agora dos meios que
tem sido apontados para se obter aquelle almeja-
do fim, e que são principalmente: quarentenas e
cordões sanitarios.

Levarnos-ia isso demasiado longe, e para não
abusar muito da paciencia do leitor vou relatar-
lhe o que sei se deu de mais notavel a tal respeito
n'esta ultima epidemia; as conclusões o mesmo
leitor que as tire. Todos sabem o que succedeu em
Constantinopla e em quasi todas as cidades do Me-
diterraneo; em Salonica, cidade da Turquia que con-
ta uns 90:000 habitantes, não houve um caso de
cholera.

Quando os habitantes de Salonica se viram, por
todos os lados cercados da epidemia, encheram-se
de um grande pavor. O povo lançou mão das armas
contra os que se lhe approximavam da cidade, não
os querendo nem sequer no lazareto, que tinham
por muito visinho a ella; á sua custa fizeram um
outro lazareto mais distante, que apromptaram em
cinco dias, custando-lhe uns 60:000 francos (1).
Estaria n'estas medidas a immuni-
dade de Salo-
nica?

Ainda pelo que diz respeito á marcha do cho-
lera, havia dois pontos a tocar dignos de igual
interesse, mas sobre que, parece-me, pouco de novo
tenho a dizer aos leitores; refiro-me ás medidas
que foram apontadas para impedir o cholera de nos
tornar a visitar, e são: 1.º matal-a á nascença, isto
é, modificar os deltas do Ganges e Indus de modo
que não mais produzam o cholera; 2.º regularisar
a peregrinação annual dos musulmanos a Meca
por forma que não tornem a ser o vehiculo d'elle
para a Europa.

Pelo que toca ao primeiro ponto, basta lembrar
ao leitor que se ignoram absolutamente quaes as
causas que produzem o cholera na India, e que
elle não é endemico só nos deltas do Ganges e In-
dus, mas n'um tracto extensissimo de terreno.

Em quanto ao regularisar-se a peregrinação,
para o que se julga necessario: 1.º obstar a que
os cholericos das caravanas vindas da India por
mar ou por terra cheguem a Medina ou a Meca;
2.º estabelecer uma organização sanitaria nas ca-
ravanas que passam pelo Egypto e que tem de
atravessal-o segunda vez quando voltam. (2) ha

simplesmente a notar que de quatro epidemias de
cholera que tem visitado a Europa, tres vieram
pelo Norte, e só esta pelo Egypto; de fórma que
sendo util a adopção d'aquellas medidas, não nos
põe ellas a coberto de uma outra epidemia.

IV

Tempo é de rematarmos o nosso trabalho e,
ainda que pouco da indole d'elle, bem quizeramos
aconselhar aos nossos leitores qual o tratamento
que deveria preferir no caso de se ver ou aos seus,
a braços com inimigo tão formidavel como o cho-
lera.

Desgraçadamente, como exprimindo uma gran-
de verdade a tal respeito, dar-lhes-hei a repetição
das palavras de Fausto, que no principio do meu
artigo já leram:

«Administrava-se o remedio, morriam os doen-
tes, e ninguem perguntava quem tinha curado. As-
sim que, n'estes montes e n'estes valles, com os
nossos mixtos infernaes, fizemos mais victimas do
que o contagio.»

«Bemaventurado o que ainda espera surgir d'este
oceano de erros. Carecemos de muito, e isso é o
que ignoramos, sabemos pouco e isso é o super-
fluo.»

F. FRANÇA.

Portalegre — janeiro de 1866.

LONDRES

As necessidades intellectuaes d'estes 3000000
de habitantes aos quaes acabamos de ver traba-
lhar, comer e beber, são satisfeitas por uma pro-
ducção immensa de livros, 30 jornaes diarios, 120
periodicos semanaes e 70 quinzenaes, mensaes,
trimestraes e muitos outros que veem a luz em
dias e periodos irregulares. Estas publicações são
impressas, vendidas, e disseminadas por 510 im-
pressores, 808 editores e 335 agentes. Para a
educação da mocidade ha, alem d'isso, 858 aca-
demias particulares, 132 escolas pias, 62 inglezas
e estrangeiras, 17 nacionaes, 57 collegiadas para
a concessão de grãos e uma universidade.

A universidade de Londres foi estabelecida em
1837, e entre as suas principaes sociedades scien-
tificas e litterarias figura a Sociedade Real de An-
tiquarios as de Linneo, Horticultura, Medicina,
Cirurgia, Geologia, Astronomia, Geographia; as
sociedades Asiatica, Zoologica, de Estadistica e
outras mais instituições litterarias e scientificas.

O mal moral é combatido por 98 escolas dia-
rias, para os desvalidos e andrajosos; 128 domin-
gueiras, 117 de tarde; 15 lugares de refugio; 84
escolas industriaes; 12 sociedades, que tem por
objecto a reforma e melhora dos costumes e mo-
ral publica; 18 para receberem mulheres de má vi-
da e convertel-as em mulheres industriaes e hon-
radas, detendo ao mesmo tempo os progressos do
vicio e o crime geralmente unidos; 12 para soc-
corro das familias decentes; 14 para ajudar o in-
dustrioso que não póde exercer o seu officio por
falta de recursos para comprar ferramentas, ins-

(1) Gazette Hebdomadaire, n.º 42.

(2) Gazeta Medica de Lisboa, n.º 24.

trumentos, etc.; e 11 para os surdo-mudos e cegos. Ha, além disso, 113 hospícios; 16 instituições caritativas para concederem pensões; 74 sociedades provisórias, para determinadas classes; 13 asylos para os orphãos; 50 sociedades de propaganda d'educação religiosa e distribuição de biblias, livros, tratados, cathecismos, etc. etc.; 200 e tantas sociedades de temperança, para deter os espantosos progressos que tinha feito ultimamente o ignobil vicio da bebida; e uma infinidade de associações e instituições, cujo objecto é atacar o mal moral sob todos os aspectos imaginaveis, e cujo numero não desce de 530 e tantas, que não poderiam ser enumeradas n'esta viagem sem dar-lhe as dimensões de um livro.

As instituições para o tratamento do mal physico nos pobres de Londres, estão representadas por 50 hospitaes geraes e especiaes, cujas entradas annuaes sobem á respeitavel somma de réis 1.440:000\$000, além de 60 boticas que lhes subministram os medicamentos gratis e que possuem entradas não inferiores a 144:000\$000 por anno.

Ha tambem as instituições da Samaritana, a dos lunaticos e as destinadas á educação das enfermeiras, cujos recursos, juntos ás sommas anteriores, formam um total, invertido somente em Londres em obras de beneficencia, de 2.400:000\$ de réis annuaes.

A força que guarda e defende as vidas e fazendas dos habitantes d'esta capital contra as depredações dos beduinos da civilisação, não é, contudo, um grande exercito como o de Napoleão, nem uma policia tão mysteriosa e innumeravel como a franceza actualmente, ou a de Napoles no tempo d'esses monarchas cujas criminosas consciencias os obrigava a empregar metade da nação em espiar a outra metade. A capital de Inglaterra está guardada e defendida simplesmente pelo modesto numero de 5:800 agentes de policia, perfeitamente estranhos ás questões politicas, (e que, sem prejuizo de terceiro, deixam cada um fazer o que quer) uma grande veneração pela lei, e uma duzia de magnificas prisões modelos.

Preparado agora devidamente o animo do leitor para apreciar com exactidão a grandeza e poder da capital da Gran-Bretanha, vamos pôr termo a esta viagem com algumas reflexões suggeridas pela sua contemplação.

A primeira idéa que occorre ao estrangeiro, que visita Londres pela primeira vez, é a do infinito. Como os espaços incommensuraveis, esta capital a seus olhos não tem principio nem fim. Um mundo em si mesmo, estende as suas ramificações como um monstro de cem mil braços, em todas as direcções, ora em fórma de travessas estreitas e sujas que resoam com os wagons e carros carregados com os productos da industria e commercio do mundo, ora por largas e magnificas arterias como o Strand, Oxford-Street, ou o rio Tamisa, ora por pontes canaes e viaductos de todas as classes que vão perder-se ao longe no horizonte.

Povoação densissima e pobres casarias distin-

guem o Oriente; riquezas sem conto, movimento commercial como não pôde conceber a imaginação, palpitações e agitação como as do coração do mundo, atropellamento, ruido e confusão sem fim, constituem a que se chama a City; ruas esplendidas formadas por milhares de alinhados palacios, lojas sumptuosas, amenos e espaçosos squares, cobertos de verde relva e frondosos arvoredos, parques vastissimos e ricos de vegetação, e jardins tão deliciosos como os de Armida formam as aristocraticas e sumptuosas regiões do occidente de Londres.

A cathedral de S. Paulo, com a sua magnifica cupula e as suas symetricas e grandiosas proporções; o palacio de Westminster, reflectindo as suas elegantes torres e gothicas ogivas nas aguas adormecidas do caudaloso Tamisa; a riquissima em tradições abbadia de Westminster; a historica e interessante Torre de Londres, palpitante ainda com o recordação das tragedias de que tem sido teatro; Guildhall, cara a todo o amante do municipio, e o self-government paladion da liberdade e base do bom governo dos povos; Mansion-house, residencia do primeiro potentado da City; o Banco de Inglaterra e do mundo, com seus riquissimos thesouros; o palacio do correio, que desempenha no corpo social d'esta nação as mesmas funcções que o sangue no corpo humano; o monumento commemorativo da destruição de Londres por um incendio; a multidão de torres, chaminés, estatuas, columnas, agulhas que se vêem por todas as partes e que occultam os seus elevados picos e cruces na nevoa, tudo contribue para fazer de Londres uma capital sem igual em nação alguma da terra.

FRANCISCO PIZARRO

I

A conquista das Indias Orientaes pelos portuguezes é, nos primeiros tempos, um dos mais brilhantes espectaculos que a historia nos offerece. A audacia aventureira d'este pequeno povo, que entrou serenamente em lucta com as potencias, que faziam tremer a Europa, e que as foi provocar a duas mil leguas da patria, nos sitios onde ellas exerciam um dominio incontestavel, a magestade, e grandeza d'alma, as proporções verdadeiramente epicas dos nobres vultos, que ao principio nos capitanearam, derramam n'essas breves paginas da nossa historia um esplendor immenso e immaculado. Durante vinte annos fomos verdadeiramente os dignos representantes da civilisação européa, e D.Francisco d'Almeida e Affonso d'Albuquerque formam, emquanto a mim, o mais elevado ideal do conquistador, que se sente forte porque nos lampejos da sua espada fulgura a idéa civilisadora, porque vai, a travez de mil perigos, assegurar o predomínio justo e necessario d'uma raça intelligente e forte sobre uma raça embrutecida e enervada, e porque tem a vaga consciencia de que é apenas um instrumento na mão de Deus, um meio de que se serve a Providencia para fazer dar ao progresso um d'esses passos gigantes que acceleram o caminhar dos seculos.



Pizarro.

Pelo contrario a conquista das Indias Occidentaes pelos hespanhoes apresenta logo, apesar do heroismo dos seus chefes, uma perspectiva repugnante. Os vultos, que figuram no primeiro plano, aquelles a quem maior gloria cabe, não são dos que a historia venera como varões dignos de figurarem na lista de Plutarcho, são dos que a posteridade se vê forçada a admirar sem que elles lhe inspirem a mais leve sympathia, são d'estes homens excepçionaes, aptos para as grandes coisas mas que, desprovidos de toda a moralidade, se lançam affoitamente no mal, e são Fra-Diavolos quando a sociedade os repelle, Pizarros quando elles mesmos se esquivam ás suas leis, heroes obscuros ou bandidos sublimes conforme o destino ordena que tenham por adversarios n'essa lucta, que empreendem contra as leis divinas e humanas, ou os soldados heroicos de Murat, ou os timidos guerreiros dos incas peruvianos.

Não nos desvaira o orgulho nacional. Houve entre nós tambem d'esses bandidos heroicos, mas os seus vultos secundarios somem-se na sombra projectada pelos grandes capitães que dominam com a sua estatura agigantada a nossa epopéa oriental. Que um Antonio de Faria roube os tumulos dos imperadores da China, que outros assolem impudentemente as ilhas Molucas, que este se dessedente no sangue dos miseros Indios, que aquelle jure sobre um Cancioneiro para poder trair o seu juramento, são todos vultos secundarios, e não os chefes, os conquistadores, os homens de plano e resolução. Esses chamam-se Almeidas, Albuquerque, Castros, Gamas, Salvadores Ribeiros, e, grandes pela intelligencia e pela audacia e firmeza de character, rivalisam muitas vezes em desinteresse, em abnegação, em amor da patria com os vultos mais affamados

dos annaes gregos e romanos, com os Scipiões e com os Aristides, com os Phocios e os Fabricios.

Mas estava reservada á nossa vizinha Hespanha a monstruosa producção d'um vulto, que ligasse ao genio a malvadez, á firmeza heroica a avareza insaciavel, ás qualidades mais eminentes do estadista e do guerreiro a indole mais sanguinaria e cruel, d'um d'estes vultos que fazem descer da Providencia, que nos obrigam a perguntar porque motivo deu Jehovah, que é a suprema bondade, a suprema intelligencia, e a misericordia suprema, tanto poder ao mal, tanta grandeza ao crime, d'um d'estes vultos, enfim, que nos fazem comprehender essa individualidade mysteriosa que apparece em todas as religiões, e em que se personifica o mal com toda a sua hedionda magestade, esse ente horrendo e fascinador a um tempo, que podia ser anjo e quiz ser demonio, e que se chamou Lucifer, e foi senhor da luz, e preferio chamar-se Satanaz, e ser o rei das sombras.

Este homem incomprehensivel, este vulto grandioso e horrendo foi Francisco Pizarro, o descobridor e o conquistador do Peru.

II

Esta anomalia, que se repete frequentes vezes na historia do Novo Mundo, esta ligação do heroismo e do genio com o vicio e o crime, esta fatalidade que macula sempre as grandes acções praticadas na America pelos hespanhoes, e a que apenas em parte se exime Fernando Cortez tem uma explicação. As Indias eram para Portugal o theatro da actividade dos seus filhos; era n'essas regiões distantes que se concentrava a attenção do governo, era essa a estacada gigante onde a flor dos nossos cavalleiros ia quebrar lanças, e abolar arnezes. Na Hespanha não succedia o mesmo, principalmente n'essa época. Reinava Carlos V, o

poderoso imperador, o rival de Francisco I e o arbitro dos destinos da Europa. As regiões que mais o tentavam eram os férteis plainos do Milanez, as populosas campinas da França; os adversarios que o inquietavam eram o amante da duquesa d'Etampes, e o frade de Wittemberg, o orgulhoso Lutherio; o seu sonho querido era a monarchia universal europeia. A grandeza colonial não o seduzia; os seus terços não os empregava elle nas magnificas regiões americanas, mas sim na disputada conquista de dois palmos de terreno na Italia. O proseguimento das descobertas de Colombo, e das conquistas de Cortez competia aos aventureiros que estavam para isso dispostos. O governo deixava-os livres, reclamava o quinto das presas, ordenava que se lhe reconhecesse a soberania, e não pensava mais n'esses paizes distantes. Esta liberdade aproveitavam-na os avaros e os ambiciosos; os que amavam a gloria e a patria ganhavam a batalha de Pavia, e homens sem freio das leis e sem nobre incitamento, impellidos apenas pela cobiça, repartiam entre si tranquillamente os thesouros do novo mundo.

Francisco Pizarro foi um d'elles. Filho bastardo d'um gentilhomem, nasceu em Truxillo na Estremadura, e passou os seus primeiros annos na miseria e no abandono, chegando a ser incumbido de guardar porcos. Esta injustiça da sorte, este desprezo immerecido que seu pai lhe votara, quando elle, pobre criança, tanto precisava de carinho e de affectos, azedou-lhe por força a indole, e lançou-lhe no amago do peito os germens da crueldade, e da indifferença pelos males alheios. Apenas saído da primeira adolescencia, alistou-se nos terços hespanhoes e foi pelear na Italia. Ahi, perdido nas fileiras dos soldados, deu provas de valor sem que pudesse sair nunca da obscuridade, a que o seu nascimento o condemnava. Por esse tempo principiavam as conquistas dos hespanhoes na America; Pizarro percebeu que era esse o campo mais proprio para dar largas á sua ambição. Ali, entregues os aventureiros ás suas proprias forças, voltando, para assim dizermos, ao estado primitivo para combaterem povos primitivos, desapareciam todas as vãs distincções sociaes, e só subsistiam as que dá a superioridade unica estabelecida pela natureza, a do valor e da intelligencia. Pizarro embarcou para a America.

Logo nas primeiras expedições se distinguio, e as suas brilhantes qualidades, que nunca se haviam podido manifestar nas fileiras disciplinadas dos exercitos de Carlos V, revelaram-se logo n'essas expedições, em que tinha cada um de lutar individualmente com os mil obstaculos que a cada passo lhe surgiam. Apesar de ter uma instrucção tão limitada que nem sequer sabia ler, logo lhe foram confiados commandos e sempre elle os desempenhou com felicidade e proficiencia. Acompanhou Ojeda na sua expedição ao istmo de Darien, e depois de varias outras excursões estabeleceu-se na colonia de Panamá, que era então governada por um fulano Pedrarias.

Descobriu por esse tempo Nunes de Balboa o mar Pacifico. Explorando o interior na direcção do Occidente, subira a um morro, e vira de subito desdobrar-se diante d'elle uma liquida extensão em cujas vagas se atufava o sol no occaso; grande novidade para quem havia muito que

via sempre surgir o sol das aguas, e esconder-se por traz da cortina das florestas. Além d'essa importante noticia trouxera Nunes de Balboa aos estabelecimentos hespanhoes vagas informações que recebera dos indios acerca d'esse paiz maravilhoso, que ficava para o sul, e onde abundava o ouro. Bastou isso para inflamar a imaginação dos hespanhoes, e logo se prepararam expedições para o descobrimento d'essas terras, mas todas foram infelizes, e sempre encontraram apenas bosques espessos e aridas montanhas, de fórma que passou em julgado terem sido sonhos de Balboa, ou mentiras dos indios as maravilhas, cuja vaga noticia elle transmittira aos seus compatriotas.

Empreza, perante a qual todos trepidavam, era das mais proprias para excitar a energia de Pizarro. Quiz o acaso que se lhe deparasse na colonia um homem de tempera igualmente rija, bem que de talentos inferiores aos do bastardo. Esse homem era Diogo d'Almagro. Menos feliz ainda no seu nascimento do que Pizarro, se este era filho natural e desprezado, era engeitado aquelle. A estes dois juntou-se como socio capitalista, um Fernando de Luque, padre e mestre eschola. Um mestre-eschola capitalista é uma d'aquellas maravilhas, que só se viam no século XVI. E' certo que o padre possuia grandes riquezas adquiridas na America, e que, seguindo o proverbio francez «*L'appétit vient en mangeant*» se deixou deslumbrar pela perspectiva de elevar essa opulencia a uma altura fabulosa.

Constituida a associação e approvada pelo governador de Panamá, foi nomeado Pizarro pelos seus socios chefe da expedição, e ficou Almagro encarregado de alistar mais aventureiros, a fim de os enviar em reforços successivos a Pizarro. Este partio a 14 de novembro de 1524, commandando um só navio e levando ao todo cento e doze homens. Foram sempre assim os exercitos com que os hespanhoes subjugaram a America, e, maravilha ainda mais estupenda, orçavam pelo mesmo numero as tropas portuguezas, que derrotavam os soldados do sultão do Egypto, e os bellicosos Musulmanos da India.

Depois de setenta dias de navegação, achava-se Pizarro ainda nas costas agras e selvagens, que já haviam desanimado os seus antecessores. Mas era de outra tempera o espirito do novo descobridor. Vendo a sua equipagem fatigada e dizimada pela doença, não quiz por fórma alguma abandonar a empresa, e estabeleceu os seus quartéis em Chuchama, defronte das ilhas das Perolas, onde esperou os reforços de Almagro.

Já este saíra com setenta homens de Panamá, porém julgando os seus companheiros mais avançados foi aportar muito para baixo do sitio onde elles estavam, e, quando se julgou proximo, desembarcou e principiou a procural-os. Aqui temos nós os dois heroicos expedicionarios, perdidos um do outro; Pizarro espreitando com impaciencia o horisonte onde não avulta nem uma vela, Almagro abrindo caminho atravez de florestas virgens, soffrendo das intemperies do clima, combatendo a cada instante com bandos de indios selvagens, e procurando debalde os rastros dos seus companheiros n'essas mattas intrincadas, onde o pé do viajante curvando os ramos, deixa tantos vestigios como a quilha dos navios abrindo o sulco espumoso nas vagas do Oceano.

Reunio-os o acaso, mas não era já reforço que Almagro trazia ao seu companheiro; era um accrescimento de miseria e de desanimação. Não vergava facilmente o aço do espirito de Pizarro. Obstinou-se em ficar e enviou Almagro a Panamá para fazer novo recrutamento.

Não era facil a tarefa. A noticia das desgraças da expedição entibiu o animo de todos. Demais o novo governador D. Pedro de los Rios, homem prudente mas de espirito acanhado, temendo que a sua propria colonia se desbaratasse com a perda de braços, chamados pelo attractivo do lucro de expedições longinquoas, prohibio que se alistassem novas tropas, e enviou um navio a Pizarro, com ordem peremptoria de o trazer a Panamá. Desobediente sublime, Pizarro desembainhou a espada, e traçando uma linha na areia, disse para os seus que a passassem os que não desejavam continuar a soffrer os riscos, a que elle se ficava expondo. Não encontrou echo no espirito desanimado dos seus companheiros esta nobre resolução, e apenas treze resolveram não abandonar o seu chefe. Mas os treze, que haviam resistido áquella prova tremenda, formavam um corpo de heroes, para os quaes o impossivel seria uma palavra desconhecida.

O governador de Panamá, irritado com esta desobediencia, protestou que abandonaria Pizarro á sua sorte. Mas a opinião publica reagiu contra a decisão; a sublime loucura d'esses quatorze homens inflammou o espirito dos hespanhoes, e todos protestaram energicamente contra a idéa de os abandonar aos perigos da sua empreza. Cedeu o governador á voz geral, e enviou um navio a Pizarro, mas apenas tripulado com a gente indispensavel para a manobra.

Havia cinco mezes que os quatorze aventureiros soffriam incriveis inclemencias na ilha de Gorgona. A appareção d'um navio foi para elles causa de grande jubilo, e os companheiros de Pizarro saudaram com alegria a idéa de se irem refazer na colonia das suas incomportaveis fadigas. Ainda não conheciam bem o seu chefe. Em vez de satisfazer a esse geral desejo, Pizarro só teve uma idéa, marchar para a frente. A sua alma heroica retemperára-se no fogo da desventura, e a sua natural eloquencia, ajudada pelo exemplo da sua firmeza inabalavel, fascinou por tal fórma os que o ouviram que não só os seus treze heroes, mas tambem a equipagem do navio, que o vinha buscar, se deixaram arrastar por elle e se abalançaram a novos riscos, e a novos perigos.

Cortez queimára os navios para tirar aos seus a idéa de regressarem á patria, mas tinha diante de si um imperio magnifico, e podia mostrar-lhes a esplendida recompensa dos seus trabalhos; Pizarro, em paga da obediencia dos seus companheiros, não lhes podia ainda prometter senão miseria, fome, doenças, e naufragios.

O premio da sua constancia não se fez esperar. Vinte dias depois de partirem de Gorgona, descobriram um paiz cultivado e rico, semeado de aldeias populosas, e senhoreado pela cidade de Tumbez, onde os aventureiros deslumbrados poderam contemplar templos e palacios, em cujos muros scintillavam, á luz do sol americano, massas enormes d'esse fulvo metal, que fazia dos europeus heroes e bandidos.

Era finalmente o Peru.

Aqui finda a epocha mais brilhante da carreira de Pizarro. A firmeza heroica, a inabalavel constancia do seu animo conquistam sem custo o respeito da posteridade. Mas agora surgem as maculas, e o character do heroe vai-nos apparecer, como realmente era, um estupendo conjuncto de genio e de perfidia, de bravura e de crueldade, de abnegação e de avareza.

(Continua)

Volta hoje ás columnas do *Panorama* um dos seus filhos mais queridos. É Rebello da Silva; nome illustre a quem este jornal deve tão brilhantes paginas. Não foi necessario exaggerar os nossos rogos para obtermos do auctor da «Mocidade de D. João V» as eruditas e eloquentes linhas que se vão ler sobre a historia do nosso paiz; porque Rebello da Silva, não tinha ainda perdido o amor ao jornal onde manteve com sabia mão os creditos da escola litteraria inaugurada pelo mestre inimitavel das nossas letras, Alexandre Herculano, o historiador sem rival.

Se o nosso agradecimento não offendesse uma prova de gratidão, nós, discipulos humildes, desde já nos declararíamos extremamente lisongeados por esta illustrada collaboração. Mas a legitimidade e grandezza da offerta estão acima dos nossos encomios. O que simplesmente nos resta, é fazermos votos para que tão valioso auxilio continue por dilatados volumes do *Panorama*.

Sr. redactor.

Satisfaço do modo possivel ao desejo obsequioso, que teve a bondade de manifestar. O *Panorama* é o mais antigo, e foi o mais illustre dos jornaes litterarios do paiz. Foi o primeiro que desbravou o terreno, que abriu e aplanou a estrada. Somos, quasi todos, discipulos do mestre, que ergueu ahí os padrões da restauração das letras, iniciando os progressos modernos. Desde «Mestre Gil» e as «Arrhas por Foro de Hespanha» até ao «Bobo», desde os artigos sobre os «Monumentos» até ao bello estudo que se intitula o «Parocho de Aldeia» A. Herculano, inexgotavel senhor e soberano de todos os segredos da arte, percorreu com passos firmes e largos a estrada, por onde alguns de nós com tanta fadiga nos arrastámos.

Coube-me depois a honra de tambem assentar uma, ou outra pedra rustica nos lanços desamparados do edificio, collaborando no *Panorama*. Sinto que outras occupações me roubem o tempo, e me não consintam dedicar-lhe ainda os cuidados, que em época mais feliz, quando me sorriam os annos juvenis, com tanto prazer lhe consagrei.

Faço o que posso, comtudo. Ahí vai esse fragmento do Livro I, do Tomo III da *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. O periodo, a que se refere, é dos mais tristes e apagados na existencia nacional. Encetavamos, depois das côrtes de Thomar, a via dolorosa, que, por entre martyrios e provações, nos levou á revolução de 1640. Em 1581 a ilha Terceira era o asylo e o baluarte dos ultimos defensores da independencia,

como outra vez o foi em 1832. O episodio, que lhe envio, prova que, se outros homens houvessem dirigido a resistencia, nunca Portugal teria caído em captivo.

Desculpe V. a humildade da offerta, e creia que nasce da intenção sincera, e do apreço e estima, que merece o jornal, e abonam os esforços desinteressados de seus distinctos redactores. — Cintra, 5 de agosto de 1866. — De V. etc. — *Rebello da Silva.*

DERROTA DE VALDEZ NA TERCEIRA

Fragmento

A Terceira, tida já então por cabeça dos Açores, devia a preeminencia á posição. Escalla dos navios e armadas na derrota das indias, a braveza dos mares, que lhe rebentam em roda, a furia dos temporaes, que lhe semeavam as praias de naufragios, e a aspereza das costas quasi inacessiveis, tornava a defesa facil. Enriquecida pela continuação das naus de S. Thomé e do Brazil, dos galliões da Mina, e das frotas de Castella e Portugal, os navegantes acudiam a seu porto para esquecerem os trabalhos e privações de longos mezes de viagem. Prospera e socegada até ao anno de 1580 só de nome conhecera as guerras, a escacez, e os contagios. Na ditosa ignorancia dos flagellos, que açoutavam o continente, engrossára de dia para dia com os lucros da exportação de seus trigos, de que se abasteciam a Madeira e o sul de Portugal, e com o fornecimento das esquadras, soccorridas com mão larga, graças á fertilidade do torrão. (1) Os sentimentos espontaneos da população sublevaram a ilha. As novas da morte de D. Sebastião e da aclamação de D. Henrique despertaram o amor da independencia. Cartas de D. Antonio e da camera de Lisboa, communicando os successos de Santarem e da capital, no mez de junho de 1580, e pedindo apoio, acabaram de decidir os moradores. Confiados na fortaleza da terra, e nos auxilios de França, abraçaram a causa do rei portuguez. Cypriano de Figueredo Vasconcellos, corregedor desde o anno de 1578, tambem optára pela defesa do throno popular, que a essa hora baqueava em Alcantara e no Porto, demolido pelos capitães de D. Philippe. Figueredo, modesto na prosperidade, mostrou-se depois superior aos revezes. A camera de Angra, e o procurador da cidade, proclamaram o prior do Crato. Os padre jesuitas, o bispo dos Açores D. Pedro de Castilho, João de Bettencourt Vasconcellos, e poucos mais, formando o nucleo dos adherentes de Castella, apenas protestaram com o silencio, ou com a ausencia. Os neutros e os indifferentes, recolhidos em casa, estranhavam como funestas todas as novidades, porém nas ruas e praças o entusiasmo da plebe convertia em festa publica a cerimonia da aclamação.

Cypriano de Figueredo assumio o poder com applauso quasi geral. Depressa o apertaram as dif-

(1) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira. — Lettres contenant les Relations de tout ce qui s'est passé aux isles Terceires, etc. M. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa cod. 19-13 p. 1-7.*

ficuldades de tão arriscada empresa. Seguiu-se a verdade ás fabulosas victorias de D. Antonio, e calou o desalento nos animos dos timidos, e dos tibios. Soube-se que longe de contar em seu favor as armas do povo de Portugal, e as de França e da Gran-Bretanha, o Prior fugia destrocado deante dos terços de Sancho de Avila. As esperanças dos habitantes voltaram-se então para a protecção estrangeira, e, expostos ao resentimento do rei catholico, fitaram os olhos no mar com anciedade. As primeiras velas podiam annunciar os galliões de Castella, ou os soccorros desejados. (2)

A esse tempo não eram pequenas tambem as preocupações de Philippe II em Lisboa. Avisado de tudo o que se urdia contra elle na Europa pelas confidencias do duque de Toscana, e pelos officios de Maldonado, de D. Bernardino de Mendonça, e de João Baptista Tassis conhecia os designios das côrtes de Londres e de Paris, embora os dissimulasse. Os perigos eram grandes. A Terceira, nas mãos de D. Antonio, proporcionava a Henrique de Valois e a Isabel Tudor grandes facilidades para se apoderarem d'ella a pouco e pouco com o pretexto de a defender; e se uma vez os navios do intrepido e aventureiro Drake, unidos aos do capitão Carlos de Bordéos, a dominassem, as armadas de Hespanha, e de Portugal encontrariam a ruina, ou o captivo nos portos aonde costumavam repousar-se, ou refugiar-se. Uma circumstancia propicia favoreceu então o rei. A ilha de S. Miguel não acompanhára a Terceira, e as ilhas de Santa Maria, do Corvo, e das Flores tinham preferido, imitando-a, a tranquillidade á desobediencia. O bispo dos Açores e os padres da companhia de Jesus de Angra foram os auctores d'esta deliberação, segundo se divulgou depois.

(Continua)

REBELLO DA SILVA.

A esperanza do premio é o consolo do trabalho.

SENECA.

UM LEITOR DO SEculo PASSADO.

Um individuo chamado Texier, que adquirio, como leitor, uma grande reputação no seculo dezoito, dava, dizem, a certa comedia de Collé, um valor tal, que a punha muito acima do que realmente valia, como producção litteraria, e tornava-a ainda mais interessante que em scena. Luiz XV teve uma vez a fantasia de ouvi-lo; mas, logo ás primeiras scenas o velho monarcha adormeceu. Texier offendido, ia levantando a voz; Luiz XV cada vez resonava com mais força. O leitor indignado, reforça uma das suas inflexões com um valente murro sobre a meza. O rei, acorda sobresaltado, levanta-se, e percebendo a intenção do leitor, manda-o pôr fóra da porta com um *Sahi!* cuja entoação ficou para sempre gravada na mente do pobre Texier.

(2) *Relação das cousas que aconteceram na ilha Terceira. Capit. II, III, e IV. — Lettres contenant tout ce qui s'est passé aux isles Terceires, etc. pag. 1-7.*